

De virada, ultraliberal vence eleição e assumirá a presidência argentina

PRESIDENTE ELEITO

De virada, Milei vence na Argentina

Candidato ultraliberal mudou o discurso para conquistar eleitorado ligado ao ex-presidente Mauricio Macri e a Patricia Bullrich

ROSANE DE OLIVEIRA

rosane.oliveira@zerohora.com.br

Qualquer que fosse o resultado da eleição deste domingo se poderia definir a Argentina como um romance inacabado de Gabriel García Márquez. Porque o realismo fantástico esteve presente do primeiro ao último ato da campanha. O próximo presidente será Javier Milei, de La Libertad Avanza, um candidato que até dois anos atrás não existia no cenário político argentino. Um economista que se define como anarcocapitalista e que irrompeu como um vulcão nas primárias de agosto, derrubando as previsões dos institutos de pesquisa.

Milei fez 55,72% dos votos contra 44,27% de Sergio Massa (com 99% das urnas apuradas), ministro da Economia de um país em

colapso. Na ficção de García Márquez seria natural o principal ministro desse país dilacerado chegar ao segundo turno, mas no mundo real um caso como o da Argentina é raro e de difícil explicação.

Com um discurso ultraliberal, Milei fez campanha prometendo

dolarizar a economia e acabar com o Banco Central. Chamou o Papa Francisco de "enviado do maligno", disse que romperia com o Vaticano e que não negociaria com a China, com o Brasil ou com qualquer país governado pela esquerda, o que eliminaria alguns dos principais parceiros comerciais da Argentina.

Com o resultado das primárias, Milei chegou às vésperas do primeiro turno como favorito para vencer no primeiro turno, mas outra guinada a la García Márquez voltou a derrubar as previsões dos institutos de pesquisas. Massa venceu o primeiro turno com quase sete pontos de vantagem sobre Milei, o que em votos nominais passa de 1,7 milhão. Aqui entra um fator decisivo para explicar a vitória de Milei (ou a derrota de Massa): a terceira colocada foi Patricia Bullrich, da aliança Unión por el Cambio, apoiada pelo ex-presidente Mauricio Macri, que há quatro anos perdeu a eleição para o atual presidente Alberto Fernández.

Patricia e Macri não só declararam apoio a Milei, como ajudaram o candidato a moderar o discurso. Usaram como argumento a necessidade de varrer o kirchnerismo da Argentina e passaram a borracha nas críticas feitas aos arroubos de Milei. Havia dúvida se haveria transferência automática dos votos, o que garantiria a vitória matemática de Milei, mas os líderes da coligação de Patricia se dividiram, aumentando a incerteza.

Escaldados por dois erros em sequência, os institutos de pesquisas chegaram ao segundo turno fechados em um empate técnico. A maioria mostrava Milei à frente, mas em alguns Massa aparecia em primeiro.

Massa fez uma campanha definida por Milei como "do medo", acenando com o caos em caso

de vitória do candidato liberal. No debate, lembrou de suas propostas extravagantes, como acabar com a educação e a saúde públicas, cortar os subsídios que ajudam os pobres a sobreviver com a inflação e até a liberar a venda de órgãos, definida por ele como "um

mercado a mais".

Aconselhado por Macri, e orientado por uma equipe de marketing que corrigiu os erros de rota do primeiro turno, o leão virou um gatinho. Terminou a campanha prometendo manter a educação e a saúde públicas, abandonou o discurso contra o Papa, disse que manterá relações de Estado com o Vaticano e não falou mais em venda de órgãos.

Inflação

Mais do que por seus méritos, Milei ganhou pela combinação entre a força de Macri e a desastrosa condução do país pelo governo Fernández. A herança do governo peronista é uma inflação de 142%, o derretimento do peso, o aumento da pobreza, que chega a 40%, o endividamento sem controle e um dado de última hora: a falta de insumos básicos para a saúde diante da dificuldade de importação, porque o país não tem dólares para pagar os credores.



Economista, que havia ficado atrás de Sergio Massa (ao lado) no primeiro turno, abriu 11 pontos de vantagem ontem

DIÁRIO DE BUENOS AIRES

ROSANE DE OLIVEIRA

rosane.oliveira@zerohora.com.br

Discreción

Na Argentina, o voto é silencioso. Não se pode usar camiseta, boné, bandeira ou adesivo de candidato. Nem parecia que era dia de eleição.

De olho

Dois advogados gaúchos, Gustavo Paim e Roger Fischer, estiveram entre os observadores chamados para acompanhar a eleição na Argentina. Eles foram convidados pela ONG Transparência Eleitoral.

Mas já?

A votação nem havia começado e partidários de Javier Milei já falavam em risco de fraude. E olha que o voto não é eletrônico. Mais impresso, impossível: o eleitor coloca na urna a boleta do seu candidato, com nome e foto colorida. Cabe às duas campanhas providenciar boletas em quantidade suficiente.

O que esperar das relações Brasil-Argentina agora

A vitória de Javier Milei ameaça as relações comerciais com o Brasil? Pelo discurso que ele fez durante a campanha, sim. Na prática, a Argentina não pode se dar o luxo de romper com seu maior parceiro comercial na América Latina só porque os dois presidentes divergem do ponto de vista ideológico. Questões pontuais podem ser afetadas.

O Mercosul, por exemplo, tende a encolher ainda mais, diante da disposição de Milei de procurar caminhos próprios para a Argentina nas negociações com a Europa e os Estados Unidos. Como o Mercosul é uma promessa que ficou pelo caminho, cada país terá de definir como administrar sua parte no espólio. Os presidentes do Uruguai, do Chile e do Paraguai também não morrem de amores pelo Mercosul.

Ontem, logo após a confirmação do resultado, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva postou mensagem em rede social na qual desejou sorte ao novo governo.

China

Presidente, Milei também não pode dar as costas à China, que compra soja e carne da Argentina. No último debate ele disse que exportações e importações são negócios entre entes privados e que o governo não deve intervir. Não é bem assim, ainda mais se tratando da China.

Entre o discurso e a prática, Milei, que nunca governou, terá de tomar um choque de realidade. De novo, a experiência de Macri pode ajudar o presidente eleito a aterrissar, até porque não tem maioria no Congresso.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Política Pagina: 8